

LEONARDO BOFF: ANTROPOLOGIA, ONTOLOGIA, COSMOLOGIA, ÉTICA E MÍSTICA

Rodrigo Marcos de Jesus

Pesquisador na área de Filosofia Brasileira, na PUC-Minas,
sob a orientação do Prof. Dr. **Paulo Margutti**.
paulomargutti@terra.com.br

Nosso texto tem a seguinte pretensão: apresentar em linhas gerais e de forma esquemática o pensamento de Leonardo Boff através de cinco temáticas principais – antropologia, ontologia, cosmologia, ética e mística. Queremos traçar um amplo quadro dos principais pontos abordados por esse pensador, principalmente a partir de seus escritos posteriores a 1992¹. O objetivo é fazer uma breve apresentação de L. Boff que incentive o leitor à leitura das fontes primárias e que funcione também como um “guia didático” para um estudo das questões analisadas. Aqui está omitida intencionalmente a abordagem teológica da obra de Leonardo. Essa omissão se justifica por dois motivos: 1) por o presente texto ser uma pesquisa voltada para a dimensão propriamente filosófica do pensamento de nosso autor; 2) por um desconhecimento mais minucioso, de nossa parte, da teologia de maneira geral e dessa

¹ Paulo Agostinho Nogueira Baptista analisa a mudança de paradigma em L. Boff após esta data. Cf. *Diálogo e Ecologia. A teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff*. Reiteramos que aqui nos interessará o pensamento de L. Boff principalmente nos escritos posteriores a 1992, no entanto, quando necessário nos remeteremos a escritos anteriores.

em L. Boff. Mas como teologia e filosofia dialogam com grande proximidade no pensador haverá algumas remissões a aspectos teológicos, sem contanto, entrarmos em detalhes.

Gostaríamos de salientar que esta apresentação faz parte de nossa pesquisa junto ao grupo de “Filosofia no Brasil” vinculado ao departamento de Filosofia da UFMG, coordenado pelo prof. Paulo Margutti, e visa ser um apoio – dentro de nossas limitações – ao fomento do estudo sobre o pensamento filosófico brasileiro na academia. E tratando-se de pensamento brasileiro, a exclusão de seus quadros de um pensador como Leonardo Boff seria lamentável e nos deixaria privados da obra de um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX.

A explanação seguirá o seguinte esquema: 1) Vida e Obra; 2) Dimensões do ser humano: antropologia e ontologia; 3) Cosmologia; 4) Ética; 5) Mística; 6) Considerações finais.

2- Vida e Obra

Leonardo Boff nasceu em 1938, na cidade de Concórdia-SC. Filho de pai intelectual e mãe analfabeta, ambos com profunda sensibilidade para com os pobres e a injustiça social. As influências paterna e materna são descritas por L. Boff: “Do lado da mãe sou terra, gosto das cozinhas de todo o mundo, da natureza, do *bel canto* e das coisas diretas. Do lado do pai sou do céu, gosto da leitura, dos vãos arrojados do pensamento, das diferenciações dos conceitos”². A matriz familiar marcou-o com uma dupla religiosidade: a mãe com uma piedade rústica que crê em Deus e o vê “no meio das nuvens avermelhadas”; o pai com uma religiosidade inquieta, questionadora do autoritarismo das instituições eclesiais. Esses traços estão presentes na obra e na vida de Leonardo: no cultivo de uma espiritualidade, sentimento de re-ligação à natureza, aos seres humanos, ao cosmos, a Deus, que é vivida de modo simples pelos mais pobres, pelo camponês, por exemplo, sem necessidade de intrincadas especulações teóricas, e a crítica mordaz ao autoritarismo, às formas de opressão – social, econômica, cultural, religiosa – , que lhe valeu perseguições dentro e fora da Igreja.

² “Uma caminhada humana e espiritual” in BOFF, L., BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. RJ: Rocco, 1999.

Leonardo formou-se em filosofia e teologia no Brasil e na Alemanha. Nos anos 1970 regressou da Europa e chegando ao Brasil se deparou com a realidade de 2/3 da população brasileira composta de excluídos e pobres. Trabalhou como professor de teologia com os franciscanos em Petrópolis e nos meios pobres. Desse duplo trabalho – com um pé na academia e outro nas periferias – ajudou a formular, juntamente com Gustavo Gutiérrez (Peru), Juan Luis Segundo (Uruguai), Enrique Dussel (Argentina), Frei Betto, Dom Hélder Câmara, Rubem Alves (Brasil) e outros, uma corrente teológica conhecida como teologia da libertação. Tal teologia foi alvo de perseguição por parte da Igreja institucional, pelos governos ditatoriais da América Latina e pelo governo norte-americano.

A perseguição da Igreja culminou com a condenação de L. Boff em 1984 e do seu livro *Igreja: carisma e poder*, que buscava aplicar as intuições originárias da teologia da libertação à prática interna da Igreja. Leonardo foi então convidado a prestar esclarecimentos sobre seu livro à Congregação para Doutrina da Fé, antigo Santo Ofício, cujo prefeito na época era o cardeal Joseph Ratzinger (atual papa Bento XVI). Como o próprio Leonardo afirma em entrevista à revista *Caros Amigos*³, ele foi um “bode expiatório”, seu processo junto à Congregação foi símbolo de uma avalanche persecutória movida pelo Vaticano e apoiada pelos EUA contra a teologia da libertação e a CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil). L. Boff foi condenado a 1 ano de “silêncio obsequioso”, destituído de suas funções na *Revista Eclesiástica Brasileira*, na editora *Vozes*, proibido de dar aulas, escrever e ministrar palestras. Aceitou a condenação e cumpriu a pena. Passados alguns anos, em 1992, novamente o Vaticano volta a persegui-lo e um novo “silêncio obsequioso” é-lhe imposto: nem mesmo poderia escrever ou dar aulas em um país distante (em algum convento franciscano na Ásia, Filipinas ou Coréia). Para preservar a liberdade, resolveu se autopromover ao estado leigo e abandonou a Igreja institucional.

Leonardo foi ainda professor de ética, filosofia da religião e ecologia da UERJ. Também foi professor visitante das universidades de Harvard, Basel, Heidelberg.

³ Disponível em: carosamigos.terra.com.br/outras_edicoes/grandes_entrev/boff2.asp. Acessado em: 26/4/2005.

Assessora comunidades de base e movimentos populares. É membro da Comissão da Carta da Terra. Em 2002, recebeu o prêmio Nobel alternativo para a paz, em razão de seu compromisso com o direito dos pobres.

A obra de L. Boff é vastíssima e compreende atualmente mais de 70 livros, sem mencionar artigos, prefácios e livros em co-autoria, cuja soma alcançaria mais de duzentos títulos. Tão vasta quanto a obra é a quantidade de temas abordados. No âmbito teológico⁴, podemos destacar: a cristologia (*Jesus Cristo Libertador; O Evangelho do Cristo Cósmico*); a vida religiosa (*Vida religiosa e secularização*); a mística e a oração (*Espiritualidade; Mística e Espiritualidade* – em conjunto com Frei Betto; *Francisco de Assis: ternura e vigor; A oração no mundo secular*); a eclesiologia (*Igreja: carisma e poder; O caminhar da Igreja com os oprimidos*); a escatologia (*Vida para além da morte*); a antropologia teológica (*O destino do homem e do mundo*); a libertação e a teologia (*Teologia do Cativo e da Libertação; Da libertação: o teológico das libertações sócio-históricas* – junto com Clodovis Boff); a Trindade e o feminino (*O rosto materno de Deus; Ave-Maria: o feminino e o Espírito Santo; A Trindade, a sociedade e a libertação*); ecologia (*Ecologia, Mundialização e Espiritualidade*). No âmbito filosófico, destacamos: a ética (*Ethos Mundial; Ética e Eco-espiritualidade; Saber Cuidar*); a ecologia (*Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*), a antropologia filosófica (*A águia e a galinha; O despertar da águia*); a globalização e o Brasil (*Nova Era: a civilização planetária; Depois de 500 anos: Que Brasil queremos?*); a ontologia e o feminino (*Feminino e Masculino* – junto com Rose Marie Muraro). Essa esquematização é incompleta e visa apenas mostrar a amplitude de temas e assuntos tratados por esse pensador brasileiro. A divisão entre os âmbitos teológico e filosófico possui certa artificialidade, porque muitas vezes as temáticas teológicas e filosóficas estão presentes em uma mesma obra, como por exemplo, em *Feminino e Masculino, Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. Nossa divisão quer somente delimitar *grosso modo* as duas áreas de conhecimento, a fim de facilitar ao leitor um primeiro contato. Quando formos tratar de cada tópico desta apresentação, iremos apontar as obras de referência.

Além da amplitude, outro aspecto se destaca na obra e no pensamento de L.

⁴ Uma esquematização mais completa pode ser encontrada na obra já citada de Baptista.

Boff: o ecletismo. Vários são os autores mobilizados para a abordagem de inúmeras questões. São grandes influências e referências autores e personagens, como: Francisco de Assis, Boaventura e Mestre Eckhart, na espiritualidade; Teilhard de Chardin, Duns Scotto e Karl Rahner, na teologia; Prigogine, Maturana, Einstein e Jung, na ciência; Marx e Heidegger, na filosofia; etc. O pensamento de Leonardo se utiliza de aspectos provenientes das mais variadas áreas do conhecimento: sociologia, filosofia, biologia, física, química, ecologia, teologia, psicologia, etc.

Uma última consideração de caráter geral sobre a obra de Leonardo é a sua não linearidade (não-sistematicidade), sua dinamicidade. Apresenta-se como um pensamento aberto a mudanças, inclusive de paradigmas, como demonstra Baptista em sua dissertação. Segundo esse autor, a obra de L. Boff teria sofrido uma mudança de paradigma nos inícios dos anos 1990 até a data atual, em que o eixo estruturador sai da eclesiologia e da cristologia e se desloca para a ecologia e Deus. A ecologia torna-se o novo paradigma no pensamento boffiano. É sobretudo nessa mudança paradigmática da última fase que basearemos nossa exposição.

3- Dimensões do ser humano: antropologia e ontologia

Elencamos duas dimensões que nos parecem fundamentais para uma visão global do pensamento de L. Boff: a antropologia e a ontologia. Antes de tratá-las em pormenor, convém ressaltar um ponto que perpassa a vida e a obra do filósofo e teólogo: a dimensão inclusiva (não-excludente), uma lógica que trabalha com dualidades mas não é dualista e pode ser expressa pela conjunção *e*. Queremos dizer que Leonardo desenvolve um pensamento marcado por dualidades (transcendência - imanência, masculino – feminino, etc.), sem no entanto cair no dualismo. As dualidades são dialetizadas, dialogantes, mas não são dicotomizadas. Ao contrário, são interdependentes ou, até melhor, inter-retro-conectadas. Por isso podemos falar de uma lógica inclusiva, presente também na vida do autor (“um pé na academia *e* outro nos meios pobres”). Além disso, essa forma inclusiva de ser, dialogal, está presente no ser humano: “A estrutura fundamental do humano consiste no *e*. Ser ele *e* mais o

diferente dele com o qual comunica. Homem como varão e mulher, homem e mundo, homem-eu e o não-eu dentro de mim; homem-eu e tu; homem e sociedade etc.”⁵ Ao falarmos do ser humano, temos que ter em mente a conjunção *e*, não o *ou*. Trabalhar incluindo e dialogando, não excluindo e dicotomizando dimensões.

2.1) Antropologia

Três são as dimensões antropológicas: **imanência**, **transcendência** e **transparência**. Elas são como arquétipos, no sentido empregado por Jung, isto é, padrões de comportamentos presentes no inconsciente coletivo, representado por símbolos e figuras.

Para expressar a transcendência e a imanência Leonardo utiliza a metáfora da águia e da galinha⁶. A águia representa a transcendência e a galinha, a imanência. **Transcendência** é toda nossa dimensão de abertura, de rompimento do já dado, do estabelecido, é a criatividade, o sonho e a utopia, o lançar-se para *além* da realidade que nos confina, o voar acima daquilo que nos prende. **Imanência** é nossa dimensão de enraizamento, de cotidiano, das nossas tradições culturais, limitações, o estar preso à realidade, é o ciscar da galinha. Ambas as dimensões “Traduzem o dinamismo humano, enraizado por uma parte e sempre aberto por outra”⁷. Elas se complementam. Não há apenas imanência ou somente transcendência. “Os arquétipos [imanência e transcendência] entram na construção das sínteses que globalizam a existência. O ser humano precisa unir enraizamento e abertura, luz e sombra, céu e terra, masculino e feminino”⁸.

Mas onde encontrar a síntese entre transcendência e imanência, a fim de não ficarmos cindidos e sim integrais? Em uma terceira dimensão, que não exclui as duas anteriores, porém as integra: a **transparência**. “Transparência é o termo que traduz a inter-retro-relação da imanência com a transcendência. A transparência é a

⁵ BOFF, L. “Masculino e Feminino: o que é? Fragmentos de uma ontologia”. In: *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 68, n. 9, nov. 1974, p. 682.

⁶ Um dos títulos de seus livros.

⁷ BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 168.

⁸ BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 168.

transcendência dentro da imanência e a imanência dentro da transcendência”⁹. Através da transparência, a imanência torna-se possibilidade de ir *além*, de ser mais que enraizamento, e a transcendência torna-se possibilidade do *além* ser possível, realizável, enraizado, e não simples devaneio.

A transparência integra um diálogo *autêntico* entre o eu-consciente e o eu-inconsciente, é mais do que e diferente da sinceridade (que é uma sintonia em nível unicamente consciente). Pela autenticidade o ser e o fazer tornam-se leves, o humor, sem amargura, o desejo, sem obsessão, a palavra, sem segunda intenção.

Se o símbolo da transcendência é a águia e da imanência, a galinha, o arquétipo da transparência é Jesus. O Cristo é um dos que representam de maneira exemplar a transparência, graças à encarnação. Essa torna o divino (transcendência) visível, concreto, e a humanidade (imanência) diáfana, translúcida, leve. A singularidade do cristianismo reside na **transparência** – mistério do Cristo – e não na transcendência.

Temos na transparência a síntese, a coexistência e interpenetração entre imanência e transcendência. Frisemos novamente: não há dualismo nem supressão de uma ou outra dimensão, o que há são dimensões (transcendência e imanência), ambas vividas pelo ser humano e que encontram sua síntese, sua harmonização, na transparência.

Momentos há em que é preciso redimensionar transcendência e imanência. Às vezes elevando uma ou outra para atingir um equilíbrio que nos torne *transparentes*, autênticos. “Hoje, no processo de mundialização homogeneizadora, importa darmos asas à águia que se esconde em cada um de nós. Só então encontraremos o equilíbrio. A águia compreenderá a galinha e a galinha se associará ao vôo da águia”¹⁰. Nossos tempos se caracterizam por um proclamar do fim das utopias e um aceitar o visceral flagelo da Terra e dos próprios humanos por meio de um sistema ideológico e econômico predatório e devido ao crescente aumento do centramento de si expresso pelo crescimento do egoísmo, do individualismo e das formas superficiais de relacionamento com o outro, tornando-o um objeto. Assim, faz-se necessário valorizar mais a

⁹ BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 172.

¹⁰ BOFF, L. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 172.

dimensão da transcendência, alçar o vôo da águia, ousar sair de si, abrir-se ao outro (seres humanos, Terra, divindade).

Característica a ser mencionada da antropologia de L. Boff é a percepção de que nenhuma antropologia tem condições de apresentar de modo fechado, concluído, acabado, o ser humano. A antropologia é de certa forma uma antropogênese. O ser humano – assim como o cosmos – está em permanente evolução, o conhecimento que temos de nós mesmos tem caráter limitado e necessariamente aberto. Estamos sempre em gênese, por fazer. Isso mais uma vez demonstra a dimensão transcendente do humano e nos abre as portas para a dimensão ética. “No diálogo com aquilo que não é ele, o homem se constrói e se enriquece a si mesmo”¹¹.

2.2) Ontologia

Ao falarmos da ontologia, trabalharemos duas dimensões: **masculino** e **feminino**. Importa, primeiramente, definir a especificidade da reflexão ontológica em face dessas duas dimensões. “A reflexão ontológica não dispõe de mais dados que as ciências; nem tem acesso a um saber que se subtrai às ciências”¹². A ciência nos diz dos modos concretos como homem e mulher se realizam no mundo. Revela, mas não diz quem é o ser humano de forma definitiva e total. Tal pergunta fica em aberto e sobre ela reflete a ontologia. “Ela [ontologia] não se opõe ao saber científico, nem possui um saber próprio. Tenta pensar o que está implícito no conhecimento científico e ousa explicitá-lo numa linguagem que lhe é própria”¹³. A tarefa da ontologia é fazer essa reflexão profunda, a partir da ciência, sobre o que é o ser humano. Desse questionamento surge a compreensão de duas formas de ser: **masculino** e **feminino**.

“Masculino e feminino não são, em primeiro lugar, propriedades biológicas, características fisiológicas dos sexos (elas também, culturalmente, serão identificadas

¹¹ BOFF, L. “Masculino e Feminino: o que é? Fragmentos de uma ontologia”. In: *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 68, n. 9, nov. 1974, p. 682. Para maior aprofundamento da antropologia, indicamos: *A águia e a galinha; O despertar da águia; Tempo de Transcendência*.

¹² BOFF, L. “Masculino e Feminino: o que é? Fragmentos de uma ontologia”. In: *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 68, n. 9, nov. 1974, p. 679.

¹³ BOFF, L. “Masculino e Feminino: o que é? Fragmentos de uma ontologia”. In: *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 68, n. 9, nov. 1974, p. 679.

assim) mas traços profundos e dimensões ontológicas de cada pessoa humana”¹⁴. Ou seja, masculino não se identifica com homem e feminino com mulher, essas duas dimensões são princípios ontológicos, “[...] estão aquém das coisas; antes, dão origem a elas”¹⁵. Masculino e feminino estão presentes em cada ser humano (homem e mulher). A pura e simples assimilação masculino-homem, feminino-mulher acarretou distorções e a subjugação da mulher pelo homem ao longo da história, além de privar cada pessoa de uma integração harmoniosa de suas dimensões masculina e feminina. “Só na combinação de ambos aparece a vida em sua harmonia. Não porque se dissolveram as tensões, senão porque se conseguiu uma síntese cheia de tensões que se sustenta, se renova e se aprofunda cada vez mais”¹⁶. Masculino e feminino estão ambos presentes como expressão, forma de intervenção no mundo (no homem e na mulher), aparecem numa estrutura dialética, dialogal, constituem princípios estruturantes do ser humano.

As ciências que nos auxiliam na reflexão ontológica são entre outras a antropologia, a psicologia das profundezas, a exegese dos textos antigos e dos mitos, a sociologia dos gêneros. Todas elas apresentam-nos manifestações culturais dos modos de ser masculino e feminino. Em especial, a linguagem mitológica é uma fonte privilegiada de acesso àquilo que significam tais dimensões. O mito representa de forma pitoresca a verdade surpreendida pela ontologia: a presença do masculino e do feminino tanto no homem quanto na mulher. A moderna biologia demonstra a intuição mítica ao falar da indeterminação sexual nos primeiros momentos da concepção e ao mostrar a identidade entre homem e mulher através dos 22 pares de cromossomas, sendo que apenas o 23º par instaura a diferença sexual (macho/fêmea) dentro de uma profunda unidade. Antes de definirmos as duas dimensões ontológicas, precisamos fazer uma ponderação.

A sexualidade não é uma mera qualidade no ser humano, mas uma estrutura ontológica. Não é algo que o ser humano *tem*, porém algo que ele *é*. Pervade a

¹⁴ BOFF, L. “Masculino e Feminino: o que é? Fragmentos de uma ontologia”. In: *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 68, n. 9, nov. 1974, p. 684.

¹⁵ Cf. BOFF, L., MURARO, Rose Marie. *Feminino e Masculino*. Uma nova consciência para o encontro das diferenças. RJ: Sextante, 2005, p. 73.

¹⁶ BOFF, L. “Masculino e Feminino: o que é? Fragmentos de uma ontologia”. In: *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, v. 68, n. 9, nov. 1974, p. 684.

existência humana em todas as suas camadas. Ser homem ou mulher são maneiras diferentes de ser no mundo, que se relacionam reciprocamente: o homem e a mulher possuem tudo em si, mas são inacabados. “Dois inteiros, mas inacabados – e sempre se fazendo –, se encontram na atração mútua e na liberdade de entrega”¹⁷. Poderia parecer que há neste ponto uma contradição, a saber: a sexualidade, sendo ontológica, e como ser homem e ser mulher são modos diferenciados de ser no mundo, isso permitiria uma identificação entre masculino-homem e feminino-mulher, justamente aquilo que se queria negar.

Percebamos bem, a postulação da sexualidade como ontológica não invalida a concepção do masculino e feminino como princípios ontológicos presentes no homem e na mulher. Pois não se trata aqui de uma compreensão das formas masculina e feminina como aspectos incompletos que, unidos (homem e mulher), formariam um todo completo e unificado (masculino e feminino). “Descartamos já a compreensão de dois incompletos que juntos se fazem completos. Estimamos que a correta representação vai na seguinte direção: um dentro do outro, o feminino dentro do masculino e o masculino dentro do feminino”¹⁸. A reciprocidade entre homem e mulher ocorre a partir de dentro. Explicitemos: homem e mulher possuem dentro de si tanto a dimensão masculina quanto a feminina¹⁹ e no diálogo (reciprocidade) entre ambos o homem acolhe a mulher a partir da mulher dentro de si e a mulher acolhe o homem a partir do homem dentro de si. Esse acolhimento e essa mútua troca são melhor expressos pelas categorias **masculino** e **feminino** e essas ajudam a esclarecer o que é ser homem e o que é ser mulher.

Não cabe neste texto refazer todo o percurso que nos permite chegar à elaboração das dimensões ontológicas (isso poderá ser realizado ao se consultar a bibliografia do final desta temática). Simplesmente conceituaremos o que sejam as duas categorias.

A dimensão **feminina** se caracteriza como mistério, profundidade, acolhida,

¹⁷ BOFF, L., MURARO, Rose Marie. *Feminino e Masculino*. Uma nova consciência para o encontro das diferenças. RJ: Sextante, 2005, p. 64.

¹⁸ BOFF, L., MURARO, Rose Marie. *Feminino e Masculino*. Uma nova consciência para o encontro das diferenças. RJ: Sextante, 2005, p. 71.

¹⁹ Para maiores detalhes dessa questão cf. BOFF, L., MURARO, Rose Marie. *Feminino e Masculino*. Uma nova consciência para o encontro das diferenças. RJ: Sextante, 2005, cap. 5 “A sexualidade como estrutura ontológica do ser humano”.

complexidade, afeto, criatividade, vida, corpo, espiritualidade, receptividade, sentimento, terra, ternura, cuidado, espírito de fineza. O feminino constitui a fonte originária da vida, a conservação, o combate defensivo, o coração.

A dimensão **masculina** expressa o tempo, a ordem, o poder, o trabalho, a exterioridade, a objetividade, a razão-instrumental, a divisão e compartimentação do conhecimento, o vigor, a agressividade, o espírito de geometria. O masculino representa a vida já formada e evoluída, o combate ofensivo, a conquista, a vontade de poder, a racionalidade imperativa.

Notemos que não se fala de homem e mulher, mas de masculino e feminino. O ser humano apresenta-se com todas as características acima, independentemente de sua sexualidade. Entretanto, uma ou outra dimensão pode ser predominante em cada indivíduo, apesar de não exclusiva.

A exarcebação de um dos pólos provoca distorções. A tematização desproporcional do masculino leva ao racionalismo frio, calculista e objetivista. É o perigo da vontade de poder, que subjuga as chamadas minorias (mulher, negro, índio, estrangeiro), promove o processo de colonização – atualmente globocolonização –, expropria a natureza, forma a imagem de um deus punidor e castrador, reduz seres humanos a meros números econômicos. O contrário, a afirmação única do feminino, leva ao irracionalismo incontido, à passionalidade, ao subjetivismo, ao sentimentalismo.

Vimos anteriormente a necessidade de harmonizar transcendência e imanência. Da mesma forma, para se evitar as patologias inerentes ao excesso da dimensão masculina, que podem ser resumidas – para pensarmos na esfera ética – no descuido para com a Terra e os seres humanos, levando a uma desumanização, e ao excesso da dimensão feminina, representada pela obsessão por um perfeccionismo e que tem como conseqüência o sufocamento e a imobilização, urge uma harmonização entre as duas dimensões. “Só na combinação de ambos aparece a vida na sua dinâmica, na sua ternura e no seu vigor”²⁰.

Na atualidade, é mister colocar em relevo a dimensão feminina. Isso tem

²⁰ BOFF, L., MURARO, Rose Marie. *Feminino e Masculino*. Uma nova consciência para o encontro das diferenças. RJ: Sextante, 2005, p. 78.

ocorrido graças aos movimentos feministas, que colocam em xeque e desnudam as formas de opressão baseadas na diferença sexual, denunciam a cruel tradição patriarcal de dominação, e com isso ajudam a reelaborar um equilíbrio entre masculino e feminino. Auxiliam na transformação das relações sociais entre os gêneros e na formulação de novas imagens da reciprocidade homem-mulher e da relação ser humano-divindade, em que passa a ser redescoberta a *imagem* de Deus como mãe, afeto, ternura, e não apenas a *imagem* consagrada e fossilizada de um Deus-Pai rigoroso, castigador e racionalista. O resgate do feminino é importante ainda para a construção de uma nova ética, de uma nova relação humano-natureza, através da percepção da Terra como Gaia, Mãe. O feminino traz consigo uma nova lógica, capaz de pensar o complexo e de se guiar não só pelo *Logos*, mas inserir também o *Eros*, aquilo que Pascal denominava espírito de fineza. Resgatar o feminino é dar relevância a vítimas históricas da vontade de poder-dominação masculina: as mulheres, os pobres, os discriminados étnica e racialmente, a Terra. Mais abaixo veremos em detalhe a importância do feminino para a ética²¹.

3) Cosmologia

A cosmologia adquire grande importância no pensamento de Leonardo Boff, uma vez que permite um novo olhar sobre a realidade. Um novo olhar possibilita uma nova ética. “A percepção da unidade do todo e da interligação de todos os seres evoca, como primeiro sentimento, o senso de fraternidade universal, a reverência para com a criação e a com-paixão para com o lado sofredor da criação. Custa-nos tolerar a terra ferida e seus habitantes penalizados por aqueles que rompem egoisticamente o todo em benefício de sua parte. Sentimos responsabilidade para com a totalidade dinâmica mas harmônica. Todos têm direito de viver solidários e sentir sua inclusão num todo maior”²². Façamos um breve desenho dessa nova cosmologia, mostrando como a ecologia aí aparece e a relação da ecologia com a teologia da libertação.

²¹ Para a temática analisada, pode-se consultar: “Masculino e Feminino: o que é? Fragmentos de uma ontologia” (artigo); *O rosto materno de Deus; Ave-Maria. O feminino e o Espírito Santo; São Francisco: ternura e vigor; Feminino e Masculino.*

²² BOFF, L. “Refundação da dignidade humana a partir da nova cosmologia”. In: *Cadernos Fé e Política*, Petrópolis, v. 7, 1992, p.52.

A cosmologia é uma cartografia do universo, a imagem de mundo que uma sociedade faz para si própria. Nessa imagem, vários saberes são combinados. A nova cosmologia recebe contribuições da mecânica quântica, da nova biologia, da ecologia, da psicologia transpessoal, da filosofia crítica²³. Essa cosmologia tem uma peculiaridade em relação às outras cosmologias do nosso passado ocidental²⁴. Apresenta um caráter de *cosmogênese*, característica construída a partir da ecologia (vista como inter-retro-relacionamento de todas as coisas). O jogo, a dança, o teatro são os símbolos da cosmologia contemporânea, pois representam a dinamicidade do universo. O ser humano ocupa um novo lugar nesse palco. Esboçemos a nova visão do universo.

O universo mostra-se evolutivo, possui origem e passa por distintos momentos. Há primeiramente o *momento cósmico*, em que, de um caos generativo o universo se expande e se diversifica (15 bilhões de anos); segue-se o *momento químico*, o da formação dos elementos físico-químicos que constituem todo o cosmos e todos os seres, no interior das grandes estrelas, gerando o nascimento dos planetas (10 bilhões); depois há o *momento biológico*, do surgimento da vida através da auto-organização e auto-criação da matéria – autopoiese – (3,8 bilhões); em seguida, temos o *momento antropológico*, um subcapítulo do biológico, em que aparece a vida humana como complexificação evolutiva da matéria, da vida (10 milhões); finalmente, surge o *momento planetário*, em que o ser humano ocupa todos os espaços da Terra e modifica-os, redescobrimo sua ligação com o planeta, os demais seres, o cosmos (etapa atual).

Todo esse processo revela uma rede de implicações inter-retro-conectadas que possui algumas características: um sistema aberto (dinâmico e orgânico), em que tudo se encontra em gênese, interdependência e cooperação; uma evolução não-linear e que se orienta na formação de ordens cada vez mais complexas; a adaptação e a troca de informações presidindo as relações mais do que a competição e a disputa. A realidade apresenta-se como um organismo vivo, não uma máquina. Neste organismo dá-se o inter-retro-relacionamento de tudo com tudo. O ser humano, dentro desse processo, irrompe quando 99,98% da Terra já existia. Entretanto, revela uma particularidade, é

²³ De forma mais detalhada pode ser vista a contribuição desses saberes em BOFF, L. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. RJ: Sextante, 2004, cap. 2 “Uma Cosmovisão Ecológica: a narrativa atual”.

²⁴ Na cosmologia antiga, a figura ilustrativa é a pirâmide e na moderna, o relógio. Cf. referência nota 22.

co-piloto da evolução, pode intervir intencionalmente na natureza e, devido essa liberdade, é um ser ético. O ser humano como co-responsável pode trabalhar ajudando ou destruindo a Terra. Daí se conclui que não se pode mais falar do humano *sobre* a Terra, a natureza e os demais seres, mas, ao invés, *junto com*, ao lado deles, pertencente a uma mesma história e a um mesmo destino. Após esse panorama, compreende-se a importância da ecologia.

Podemos sinteticamente falar de quatro maneiras de entender ecologia. A primeira, a *ecologia ambiental*, que trata da relação entre ser humano e meio ambiente. A segunda, a *ecologia social*, que trata da relação entre os seres humanos dentro das relações com o ambiente (por exemplo: a questão do acesso aos recursos naturais, a desigualdade sócio-econômica). A terceira, a *ecologia mental*, que trata da natureza tal como representada no interior da mente sob forma de energias psíquicas, símbolos, arquétipos e padrões de comportamento.

Todas essas três maneiras são verdadeiras, mas mostram limites: estão na lógica da relação do ser humano *sobre* a natureza ou podem apenas apaziguar a tensão da relação humano-natureza. Elas deixam intocada a questão fundamental: o **paradigma-dominação**.

Uma quarta forma chega ao cerne da questão: a *ecologia radical, profunda* ou *integral*. Não invalida as outras, porém discerne a grande questão, a crise do paradigma-dominação, que se sustenta na premissa do progresso ilimitado, atingido por meio da exploração da natureza e das pessoas, pautado na lógica do *sobre*. Essa última maneira de percepção ecológica proporciona uma nova lógica, a do *junto* à natureza, aos seres e às pessoas, postulando um novo paradigma: o **paradigma-cuidado** (vislumbra-se um novo relacionamento para com o planeta e para com os outros humanos; uma nova ética).

Ao se pensar na esteira da nova cosmologia, entende-se por que a ecologia é seu novo paradigma. “Ecologia é a relação, inter-ação e dialogação de todas as coisas existentes (viventes ou não) entre si e com tudo o que existe, real ou potencial [...] A questão ecológica remete a um novo nível de consciência mundial: a importância da Terra como um todo, o bem comum como bem das pessoas, das sociedades e do conjunto dos seres da natureza, o risco apocalíptico que pesa sobre todo criado”²⁵. A

²⁵ BOFF, L *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*. SP: Ática, 1993, p. 15.

nova cosmologia e a ecologia lidam com o inter-retro-relacionamento de todas as coisas, transmitem uma nova ótica da realidade. Com um novo olhar, propiciam o aparecimento de uma nova ética.

Como dialogam ecologia e teologia da libertação? É preciso entender essa imbricação, porque isso nos permite compreender a mudança de paradigma em L. Boff e como a causa da teologia da libertação – a defesa do direito dos pobres – não é abandonada.

Teologia da libertação e ecologia têm em comum as chagas provocadas por um mesmo agressor. A teologia da libertação sofre a chaga da pobreza e miséria de milhões de excluídos, que gritam por beleza, vida e liberdade. A ecologia, a chaga da agressão sistemática à Terra. Ambas aspiram à libertação. A teologia da libertação, através dos pobres conscientizados e articulados com seus aliados contra a pobreza; a ecologia, por via de uma nova aliança do ser humano com a Terra, baseada na fraternidade/sororidade (no respeito ao outro e na percepção de que tudo e todos são integrantes de uma mesma história e de uma mesma comunidade). São dois gritos por liberdade.

Teologia da libertação e ecologia são vítimas de uma mesma lógica predatória: o paradigma-dominação, fundamentado na exploração, na busca a todo custo do lucro, da transformação de todas as coisas em mercadoria e da não-centralidade da pessoa e da natureza. Os gritos possuem uma mesma raiz e para que sejam curadas as chagas é preciso uma libertação integral. A *ecologia social* estabelece um ponto de encontro entre a teologia da libertação e a ecologia, ao mostrar a necessidade de uma ética mínima (justiça social) para que se tenha uma justiça ecológica (nova aliança com a Terra).

A teologia da libertação, apesar de não ter nascido da preocupação com a Terra, mas com os pobres e explorados (o pobre econômico, o negro, o índio, a mulher, as minorias), descobre uma nova dimensão do pobre – a Terra e todos os demais seres –. “A centralidade não está mais no pobre – socioeconômico, político, cultural, étnico, feminino – [...] mas no grande pobre que é a Terra [...]. Na opção original pelos pobres deve entrar, primeiramente, o grande pobre que é a Terra e a humanidade, base que,

garantida, possibilita então colocar a questão do futuro dos pobres e condenados da Terra”²⁶.

Para finalizar toda essa temática de uma nova cosmologia, do paradigma ecológico e de suas implicações para a teologia da libertação, é necessário salientar a lógica que sustenta esse novo olhar. A lógica própria à compreensão da nova imagem da realidade é a *dialógica* ou *pericorética*. Ela engloba e vai além das demais lógicas (identidade, diferença, dialética, complementariedade/reciprocidade), coloca tudo em diálogo em todas as direções e momentos (holismo), é uma atitude a mais inclusiva possível e menos produtora de vítimas. Representa a lógica mesma do universo em que “[...] tudo interage com tudo em todos os pontos e em todas as circunstâncias”²⁷, em que há uma circularidade e uma inclusão de todas as relações e de todos os seres relacionados. Uma lógica mais complexa e por isso mais completa. Tal concepção está presente na relação entre as três pessoas da Trindade – Pai, Filho, Espírito Santo –, *pericórese* em linguagem teológica. Graças a essa lógica, aprendemos que todas as práticas que ligam humanos e natureza, das ditas primitivas (magia, religiosa, xamânica, alquimia) até a ciência, revelam o diálogo entre o ser humano e o seu entorno e todas as práticas têm uma verdade a testemunhar²⁸.

4) Ética

Tivemos até o momento um novo olhar sobre o ser humano e o universo.

Antropologia, ontologia e nova cosmologia expuseram dimensões novas, históricas e dialogantes. Esses olhares nos apontam para um novo agir, agora sob um paradigma diferente, o ecológico. Explicitemos como se configura a nova ética engendrada por essa nova visão.

²⁶ BOFF, L. *Ética e Eco-espiritualidade*. Campinas, SP: Verus Editora, 2003, cap. 4 “Nova cosmologia e teologia da libertação”, p. 44.

²⁷ BOFF, L. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. RJ: Sextante, 2004, cap. 1 “A Era Ecológica”, p. 44.

²⁸ Condensamos a explicação a fim de ser possível uma visão ampla. Maiores detalhes são encontrados em: *Ética e Eco-espiritualidade* (cap. 4 “Nova cosmologia e teologia da libertação”); *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres* (em especial o cap. 1 “A Era Ecológica: a volta à Terra como pátria/mátria comum”, cap. 2 “Uma Cosmovisão Ecológica: a narrativa atual”, cap. 5 “Teologia da libertação e Ecologia: alternativa, confrontação ou complementariedade?”); *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade* (toda Primeira Parte); “Refundação da dignidade humana a partir da nova cosmologia” (artigo).

Distingamos os termos *ética* e *moral*, para a questão ficar bem colocada. *Ética* significa o conjunto de princípios e valores inspiradores que nos orientam, está ancorado em nossa humanidade e é válido para todos os seres humanos, independentemente de raça, gênero, nacionalidade, idade, etc. Retomando-se o sentido grego de *ethos* como “morada”, “casa”, a ética é entendida existencialmente “[...] como o modo de o ser humano habitar, como forma de organizar a vida em família”²⁹. *Moral* se refere ao conjunto de preceitos e normas concretas que organizam a vida de pessoas, comunidades e sociedades, varia de acordo com as tradições culturais. Ética é única, morais são várias. Leonardo Boff utiliza a seguinte metáfora: a ética diz respeito à nossa casa, nossa morada, já a moral tem a ver com as múltiplas maneiras de se organizar a casa, os muitos estilos – gótico, neoclássico, barroco etc. –. A ética trata da forma de preservarmos, cuidarmos de nossa casa comum, para que ela se torne habitável, limpa, um lugar saudável e acolhedor. A moral dirige concretamente nosso modo de tornar a casa habitável, mas os modos podem ser diversos, temporários, contanto que não se vá de encontro à habitabilidade.

Estamos numa nova fase – que a cosmologia já explicitou –, a planetária. Nossas ações devem ser pautadas com a consciência de que o agir não é apenas local, mas ganha dimensões globais. Uma ótica global exige uma ética global. Até o momento houve o predomínio das morais próprias de cada cultura e região. Todas elas nasceram da reflexão sobre o *ethos* (ética), que é universal. As morais não ficam invalidadas – a partir do horizonte global – porque determinam valores e condutas, embora sejam limitadas ao regional e cultural. “Faz-se mister uma ética comum, um consenso mínimo no qual todos se possam encontrar. E, ao mesmo tempo, respeitar as maneiras diferentes como os povos organizam a ética [...]”³⁰. “A ética e as morais devem servir à vida, à convivência humana e à preservação [...] da Terra”³¹. Para garantir esse novo *ethos*, precisamos assumir a perspectiva da globalidade apresentada pela nova cosmologia: a

²⁹ BOFF, L. *Ética e Eco-espiritualidade*. Campinas, SP: Verus Editora, 2003, cap. 1 “Que significa ética e moral?”, p. 11.

³⁰ BOFF, L. *Ética e Eco-espiritualidade*. Campinas, SP: Verus Editora, 2003, cap. 1 “Que significa ética e moral?”, p. 13.

³¹ BOFF, L. *Ética e Eco-espiritualidade*. Campinas, SP: Verus Editora, 2003, cap. 1 “Que significa ética e moral?”, p. 14.

inter-retro-conexão de todas as coisas e a Terra como planeta físico, biosfera e humanidade, totalidade físico-química, biológica, socioantropológica e espiritual, una e complexa – *nossa casa comum*.

Precisamos de uma ética mínima, com visão holística (paradigma ecológico), que integre e considere a dinâmica e a interdependência entre pobreza, degradação ambiental, injustiça social, conflitos étnicos, política e crise espiritual. E as diversas morais, apesar de diferentes, precisam ter como referência, como “guia de organização”, essa base comum. Qual é essa ética?

A **ética do cuidado** é esse consenso mínimo. O cuidado para com os pobres e o grande pobre, a Terra, surge como novo paradigma. Ao paradigma-dominância, vigente até o presente, responsável pela exploração da natureza e de 2/3 da humanidade, que se deixa conduzir pela idéia de conquista e progresso ilimitado contrapõe-se, através do surgimento de um novo olhar, o paradigma-cuidado. O cuidado está presente na cosmogênese e na biogênese – todo o encadeamento que possibilitou nossa existência foi permeado de um singelo cuidado –; representa nossa atitude de respeito e preservação da Terra e de toda vida (incluindo a vida dos pobres); desvela as dimensões de preocupação e afeto para com o outro; instaura uma nova lógica das relações, não significa mais falar *sobre* mas *a partir* do cuidado, não um estar *sobre* as coisas, porém *junto* a elas.

O mito do cuidado³² revela como o cuidado é uma dimensão ontológica do ser humano. E a história do universo e da vida mostram como tudo foi se criando permeado por um fino cuidado, de modo que o universo não se expandisse demais ou se retraísse, devido um equilíbrio delicado de suas forças constituidoras, e como a vida, para surgir, necessitou e necessita de um mínimo de cuidado para que se torne possível.

É dessa ética do cuidado essencial que precisamos em nossos dias. O modo de ser cuidado se identifica com o modo de vida sustentável, que supõe “[...] outra forma de conceber o futuro comum da Terra e da humanidade e, por isso, demanda uma verdadeira revolução nas mentes e nos corações, nos valores e nos hábitos, nas formas de produção e de relacionamento com a natureza”³³. Demanda uma nova maneira de ser

³² O mito e seu comentário pormenorizado podem ser conferidos no livro BOFF, L. *Saber Cuidar*. Ética do humano – compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

³³ BOFF, L. *Ética e Eco-espiritualidade*. Campinas, SP: Verus Editora, 2003, p. 25.

do humano no mundo. Quais as características dessa nova forma de ser?

O ser humano apresenta duas formas de ser no mundo: **trabalho** e **cuidado**. O modo de ser **trabalho** é interventor, age *sobre* as coisas, modifica-as, cria um *hábitat* próprio, introduz novas realidades (edifícios, cidades etc.), plasma a si e à natureza, exige “objetividade”, é utilitário, racional-instrumental. Com o trabalho abriu-se o caminho para vontade de poder e dominação *sobre* a natureza, as pessoas. A atitude de trabalho-poder corporifica o masculino, dimensão que compartimenta para conhecer e subjugar. O outro modo de ser não se opõe ao trabalho, mas lhe confere nova tonalidade, vê a natureza e as pessoas não como objeto para agir, intervir *sobre*, mas como sujeitos, valores e símbolos que remetem a uma Realidade fontal. O modo de ser **cuidado** expressa a inter-ação e comunhão, é um estar *junto com*. Guia-se pela lógica da complexidade e relacionalidade das coisas, por uma afetuosidade, um sentir-se re-ligado a tudo e a todos, pertencentes a uma mesma Totalidade. Essa atitude corporifica o feminino, dá vazão à ternura, ao *pathos*, ao espírito de fineza.

O desafio é combinar trabalho e cuidado. “Eles não se opõem, mas se compõem. Limitam-se mutuamente e ao mesmo tempo se completam”³⁴. Juntos, formam a integralidade humana.

Percebe-se, portanto, a necessidade de resgate do feminino para a constituição de uma ética mínima. Isso se faz não só com a incorporação da mulher nos postos de reflexão e poder político de decisão, ou com a recuperação da imagem da Terra como Gaia, Grande-Mãe. A recuperação do feminino está ligada à volta da centralidade do *pathos*, de uma ética do *sentir*. Ética que não desconsidera o *logos*, mas toma o *pathos* como originário. A ênfase não está no *logos*, mas no *pathos*. No sentir-se parte de um todo ligado e re-ligado, envolvendo ser humano e natureza, humano e Deus.

A “Carta da Terra”³⁵ é um exemplo de orientação, sob o novo paradigma-cuidado, de uma compreensão holística da realidade. Seus princípios e valores éticos são representativos dessa nova consciência, do novo olhar. Poderíamos resumi-los transcrevendo os quatro pontos gerais da Carta: 1) Respeito e cuidado pela

³⁴ BOFF, L. *Saber Cuidar*. Ética do humano – compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 97.

³⁵ A “Carta da Terra” em sua íntegra e seu comentário por L. Boff podem ser vistos em *Ética e Eco-espiritualidade*. Campinas, SP: Verus Editora, 2003, caps. 2 e 3.

comunidade da vida; 2) Integridade ecológica; 3) Justiça social e econômica; 4) Democracia, não-violência e paz. A Carta mostra as relações entre ser humano e natureza, as imbricações sociais e políticas dessa relação, vê a Terra como uma totalidade, possui a consciência da gravidade da atual situação, supera o conceito de desenvolvimento sustentável – agora na ótica da sustentabilidade – e lança luz para o estabelecimento de uma nova relação.

Logo, o cuidado aparece como uma ética mínima e universal, capaz de criar um novo modo de ser do humano. O feminino, a ternura, a compaixão e o sentir são condições básicas para a manifestação dessa nova ética. Ajudam a reequilibrar a dimensão exacerbada do masculino, do vigor, do trabalho, da racionalidade.

Tentamos traçar de maneira mais esquemática possível os principais pontos da ética em L. Boff. Muitos outros pontos e questões não foram tratados ou mereceriam maior detalhe. Mesmo assim esperamos ter conseguido uma exposição abrangente e clara³⁶.

5) Mística

Como pensar a mística e a espiritualidade no contexto da nova cosmologia? Qual a importância da mística para a ética? Há uma ligação entre a crise ecológica e a mística?

Primeiro definamos o que significam **mística** e **espiritualidade**. **Espiritualidade** é o sentimento de re-ligação do ser humano com o cosmos e os outros seres, numa atitude que capta um fio condutor que perpassa todo o existente. Esse fio recebe inúmeros nomes (Deus, Luz, Mistério, Tao etc.). **Mística** “é aquela forma de ser e de sentir que acolhe e interioriza experencialmente esse Mistério sem nome [esse fio condutor] e permite que ele impregne toda a existência”³⁷.

Mística e espiritualidade no fundo são a mesma coisa, pois são formas de sentir, perceber e viver o mistério de maneira que nos notamos re-ligados ao Todo, sentindo-nos *com* as coisas e não *sobre* as coisas. Nesse ponto entrevemos a relação entre

³⁶ Além dos livros já citados anteriormente, gostaríamos de indicar para essa temática: *Saber Cuidar; Ética e Moral; Ethos Mundial; A voz do arco-íris*.

³⁷ BOFF, L. *Ethos Mundial*. Um consenso mínimo entre os humanos. RJ: Sextante, 2003, p. 102.

mística/espiritualidade e nova cosmologia. Do novo olhar sobre a realidade nasce a percepção da inter-retro-conexão de tudo com tudo, da re-ligação entre todas as coisas. A cosmologia se avizinha da mística/espiritualidade já que estas, a partir do coração, do sentimento, da percepção do grande organismo cósmico perpassado por uma Realidade plena possuem a intuição do inter-retro-relacionamento de tudo com tudo desvendado pela ciência. Ambas, nova cosmologia e mística/espiritualidade, participam da crítica ao mesmo paradigma – o paradigma-dominação – e revelam a crise do sentido fundamental de nosso sistema de vida, de nosso modelo de sociedade e de desenvolvimento que se apóia no poder como dominação e na irresponsabilidade no trato com a natureza e as pessoas.

É verdade que a mística tem origem em um contexto religioso ligado aos ritos de iniciação. Mas não constitui privilégio de alguns poucos iniciados. No sentido religioso de mística todos podem ter acesso a essa experiência, desde que captem o outro lado das coisas e se sensibilizem diante do universo – em sua grandiosidade, complexidade e harmonia – e diante do outro. Para isso não são necessários visões e fenômenos extraordinários, basta ter a sensibilidade para perceber a sacramentalidade das coisas – tal experiência pode ocorrer através de um sorriso de criança, de um rosto sofrido de um camponês explorado, por exemplo.

Entretanto, há um sentido de **mística** – que não invalida o sentido religioso, apenas desvela outra face da experiência do mistério – capaz de abarcar até mesmo os não-crentes. O sentido sociopolítico se relaciona com a ética e demonstra a importância da mística.

Para uma ética não se tornar “endurecida” e passar a ser um mero “moralismo” é preciso uma mística. Um conjunto de convicções fortes, visões grandiosas e apaixonadas capazes de mobilizar as pessoas e os movimentos na esperança da mudança, apesar de todos os possíveis fracassos, é aquilo que dá sentido a uma causa. “A mística é, pois, o motor secreto de todo compromisso, aquele entusiasmo que anima permanentemente o militante, aquele fogo interior que alenta as pessoas na monotonia das tarefas cotidianas e, por fim, permite manter a soberania e a serenidade nos

equivocos e nos fracassos. É a mística que nos faz antes aceitar uma derrota com honra que buscar uma vitória com vergonha, porque fruto da traição aos valores éticos e resultado das manipulações e mentiras”³⁸.

Nova cosmologia, ética e mística se entrelaçam. A ética nasce de um novo olhar (cosmologia), a nova visão se aproxima da mística – as duas têm a mesma percepção da Totalidade e criticam o paradigma-dominância. A mística, por sua vez, impede que a ética se degenera num código de preceitos.

Um último ponto deve ser analisado. Para L. Boff, a raiz última da crise ecológica reside em um problema espiritual: a ruptura, promovida pelo ser humano, da re-ligação básica com o universo e com o Criador, que a tradição cristã denomina *pecado original*. Isso acontece com a instauração do antropocentrismo, quando “O ser humano, no afã de assegurar a vida, sua reprodução [...]”³⁹ coloca tudo e todos em função de si. A autocentrção rompe com a estrutura de ligação e re-ligação entre todas as coisas, porque o ser humano não aceita o processo evolucionário, aberto, em transformação e que inclui a morte como integrante de uma totalidade maior. O medo da morte – o desejo de imortalidade – promove a ruptura e configura a atitude anti-ecológica. Para ser sanada, tal crise demanda uma espiritualidade assentada numa nova visão (do inter-retro-relacionamento de tudo com tudo) e num sentimento de re-ligação do ser humano com a Terra e os outros seres. Essa espiritualidade – testemunhada historicamente pelas tradições religiosas e espirituais – permite perceber a integralidade da vida, a morte como fazendo parte do processo evolutivo. Abre-nos um horizonte de esperança em que vige uma profunda confraternização e aliança entre o ser humano, a natureza e a divindade⁴⁰.

6) Considerações finais

Procuramos mostrar panoramicamente os principais aspectos, sob um recorte

³⁸ BOFF, L., BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. RJ: Rocco, 1999, p. 25.

³⁹ BOFF, L. *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*. RJ: Sextante, 2004, p. 120.

⁴⁰ Pode-se aprofundar nesta temática por meio dos seguintes textos (alguns já citados): *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres* (cap. 3 “A crise ecológica: a perda da re-ligação” e cap. 10 “Ecoespiritualidade: sentir, amar e pensar como Terra”); *Ética e Eco-espiritualidade* (cap. 5 “Eco-espiritualidade: ser e sentir-se Terra”); *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade* (toda Terceira Parte); *A voz do arco-íris* (parte II: Resgate da mística e da subjetividade); *Mística e Espiritualidade*.